

ANÁLISE DE MERCADO  
ESPECIAL **PERSPECTIVAS** 2017

 Bancos





Podemos usar uma série de adjetivos para descrever como foi 2016 para os bancos, mas monótono, definitivamente, não será um deles. Mudança de governo, aquisições, inadimplência, troca de comando, fechamento de capital, crescimento das fintechs. Assuntos que movimentaram o setor não faltaram no último ano.

O banco com o ano mais agitado, por razões óbvias, foi o Banco do Brasil, que passou por uma mudança extensa em seu high management após o processo de impedimento sofrido pela ex-presidente Dilma. Além da mudança nos nomes, parece também ocorrer uma mudança de mentalidade, agora muito mais alinhada ao mercado e ao interesse dos investidores minoritários. A atual situação fiscal do governo federal, que não tem condições de fazer novos aportes no banco através do Tesouro, também deve ter facilitado ainda mais a opção do executivo por essa mentalidade mais pró-mercado. Fato é que o banco já tem mostrado uma maior seletividade na concessão de crédito, o guidance de crescimento das carteiras do banco vem sendo revisado para baixo, e em novembro, o BB anunciou um plano extensivo de reestruturação. O BB vai enxugar sua operação em todos os níveis, desde a direção geral do banco até às agências. As medidas anunciadas pelo banco são o fechamento de 402 agências, a conversão de 379 agências em postos de atendimento e o Plano Extraordinário de Aposentadoria Incentivada. Com o fechamento de agências e a conversão de outras, a previsão do banco é de economizar cerca de R\$ 750 milhões por ano, já com a redução de 9,4 mil vagas por conta do plano de aposentadoria incentivada, com isso, deve ter redução de despesa de pessoal em 2017 de R\$ 2,3 bilhões. Isso deve ajudar a trazer a sua rentabilidade para um patamar mais saudável no próximo ano, mas ainda muito abaixo dos pares privados.

No Itaú, a troca no comando também é um assunto importante, mas ao contrário do seu par estatal, no banco, a principal mensagem a se passar nesse processo de sucessão é de continuidade. Em abril de 2017, ocorrerá a assembleia de acionistas do Itaú que deve levar Candido Bracher, vindo do BBA e que comandava a área de atacado, à presidência, em substituição a Roberto Setúbal. O banco vem mantendo rentabilidade bem acima dos seus pares, graças especialmente a maior seletividade na concessão de crédito e bom resultado nos negócios não-crédito, como receitas com tarifas, seguros e previdência. Nesse período mais complicado da economia doméstica e ainda com o processo de implementação das regras de Basileia III, o Itaú optou por manter uma certa folga no seu índice de alavancagem, que agora começa a ser utilizado, em aquisições como a da participação do BMG na joint ventures entre os dois bancos, o aumento da participação no CorpBanca chileno e a compra da operação de varejo do Citi no Brasil, esse último ativo disputado principalmente com o Santander, que era visto como o favorito, haja vista a sobreposição grande de clientes entre o Citi no Brasil e o Itaú. A aquisição defende a posição do banco no segmento de alta renda, que teria um concorrente direto se fortalecendo muito caso fosse o vencedor.

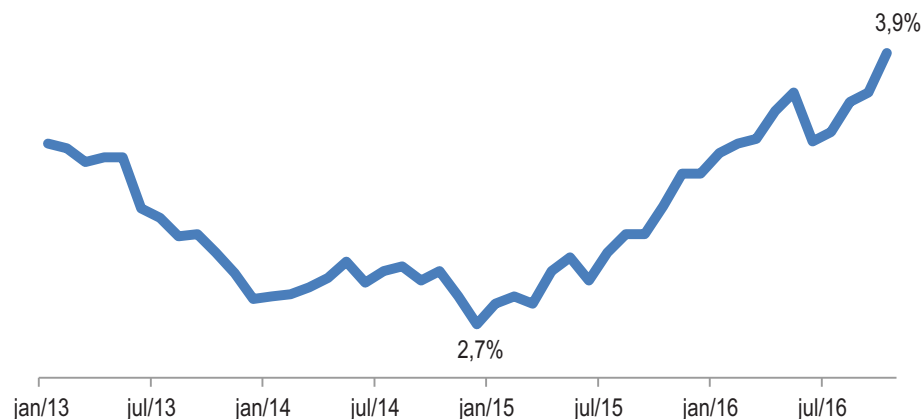
No Bradesco, a maior novidade foi à aquisição da operação do banco HSBC no Brasil. Os números do 3º trimestre do HSBC, primeira divulgação após concluída a aquisição, surpreenderam o mercado, que esperava números bem piores. O Bradesco efetuou a migração da base de clientes e, segundo o banco, tudo ocorreu tranquilamente. Em 2017, o Bradesco deve se esforçar para ampliar o conjunto de serviços oferecidos nas agências e para os clientes do HSBC, oferta que era muito menor que a oferta usual em uma agência do Bradesco, de produtos como seguros, previdência, etc. Entre os bancos



médios, chamou a atenção, o alto número de fechamento de capital nos últimos anos. Atualmente, Paraná Banco e Indusval estão em processo de fechamento de capital e nos últimos anos, Daycoval, Sofisa e Bic Banco também saíram da Bolsa. Entre os motivos, os custos de manter uma estrutura de empresa de capital aberto, sendo que a liquidez desses ativos era muito pequena e não trazia os benefícios de manter essa estrutura. A conjuntura geral para 2017 não é muito diferente que a de 2016.

para esse momento com elevação nas provisões. Ou seja, o impacto da inadimplência no resultado dos bancos tende a ser menor, podendo trazer até alguma recuperação de rentabilidade, mesmo em um período muito complicado ainda.

Índice de Inadimplência - SFN



Fonte: Banco Central do Brasil.

Além de terem que lidar com as questões internas que já descrevemos nesse relatório, os bancos devem ter que conviver por mais um ano com queda na concessão de crédito e pressão de inadimplência. A boa notícia, ao menos no tocante à inadimplência é que, mesmo que o nível de inadimplência se mantenha elevado, ou até mesmo suba um pouco, os bancos já se preparam